

Arménio Vieira – liberdade e coerência na poesia do poeta-gato cabo-verdiano

A literatura de Cabo Verde recebe o reconhecimento internacional que há muito lhe era devido com o merecido e justo Prêmio Camões ao escritor Arménio Vieira, detentor de uma obra escassa e dispersa, porém coerente com seus ideais, multifacetada e de altíssima qualidade. Escreveu quatro livros, dois de poemas, “Poemas” e “Mitografias”, e dois romances, “O eleito do sol” e “No inferno”, fora vários outros textos publicados em revistas como “Fragmentos”, “Boletim Imbondeiro” e “Vértice”, sobretudo, em Cabo Verde. Para este texto, comentaremos apenas o livro “Poemas”.

Vieira nasceu na Praia, ilha de Santiago, em 29/01/1941. Foi integrante da geração dos anos 1960 da poesia cabo-verdiana. Geração marcada por uma poesia de revolta e combate ao governo colonial português, à época sob a ditadura salazarista, tendo participado do histórico suplemento “Seló” (1962). Pelo seu envolvimento com a luta de libertação da nação cabo-verdiana amargou dois anos de enclausuramento nas cadeias da PIDE, a polícia política portuguesa. Talvez por isso a opção por um sujeito lírico transfigurado em “touro onírico”, irônico, extremamente irreverente e libertário como era o desejo em ver sua pátria independente, indignado com os desvios éticos de seus contemporâneos: “e lá no alto, rente ao tecto / fazer chichi na presunção / de tantas bestas juntas / santos beatos e jumentos” (p. 37).

O “poeta de vento sem tempo”, de acordo com Jorge Carlos Fonseca, apresenta uma escrita libertária e se compara a um gato: “o espírito de um gato / é como o canto de um poeta / – não atende nem escuta / a ordem de ninguém” (p. 30). É este compromisso com seus valores éticos e com seu fazer poético que norteia o sujeito lírico e o obriga a versar que “ser poeta a sério / implica uma espécie de suicídio” (p. 106). Com isso, somos conduzidos a um ilimitado e criativo mundo de idiosincrasias de quem afirma que “é pela metaforização do discurso / que se salva o pensamento” (p. 9).

Entretanto, é na feitura de uma poesia de forte cariz existencial, metafísico e metapoético que Arménio Vieira destaca-se no panorama literário cabo-verdiano. Em plena década de 1970, com a urgência do compromisso de tornar a pátria independente e a posterior fase “cantalutista” com o país livre, o sujeito lírico, com sua voz dissonante, indaga seus pares com questões de liberdade existencial a procura do seu espaço como no belo poema “Didáctica Inconseguida”: “ensino-te caminhos / que não passam pela porta de ninguém / e dizes que sou louco” (p. 59).

Dando continuidade ao rompimento estético de Vieira, a própria dificuldade do fazer poético é desnudada em “Canto final ou agonia de uma noite infecunda” em que “a flor desfeita / não embala o coração do poeta” (p. 69), assim sendo, imagens corrosivas ilustram a agonia de pertencer a um “tempo devassado por insectos cor de cinza / A voz suspensa e negada / cede a vez à letra amorfa / inscrita no silêncio / Com seu peso de chumbo e olvido / acaba o poema / e um ponto final selando tudo” (p. 70).

Uma característica marcante na poesia de Arménio Vieira é o uso constante e inventivo da metalinguagem, além do seu profundo conhecimento dos cânones literários ocidentais, elevando-o a um patamar de destaque e diferenciado não só na literatura de Cabo Verde, mas na produção poética de língua portuguesa. Seu sujeito lírico apropria-se com intimidade da literatura grega e dos mitos greco-latinos, em imagens irônicas e inusitadas a surpreender e a conquistar a admiração do leitor, como em “Fábula de Esopo”:

Um touro, ignorante de cabeça,
mas rijo de couro e carcaça,
quis ser elefante

Engoliu vento, inflou...
e já feito imenso balão
(de meter medo à selva e ao leão)
deu um estouro e tombou

Um elefante, por ali vagabundo,
esfregou os olhos, descrendo,
e foi acordar em cima dum ouriço-cacheiro

Uma rã pulou à loja, defronte,
e coaxou ao caixeiro:

– Faça favor de me vender um foguetel! (p. 33)

Apesar do olhar existencialista e metapoético, o compromisso com os valores sociais e a denúncia das desigualdades de seu tempo são revelados pelo sujeito lírico, de forma inconformada, diante da passividade dos homens por não perceber “o tempo que perdemos atrás dos mortos / sem nunca pensarmos nos mortos que somos” (p. 27). Também revolta-se com a crueldade humana: “Na face / de certos homens / tanta vez / um retrato / a plena luz / de cão perfeito / e feroz / (até espanta / não ladrarem)” (p. 31) e beira o sarcasmo em “Caviar, champanhe & fantasia” ao homenagear a esplanada da Cidade da Praia que “seria um oásis magnífico e fresco (...) / teria um leite mais branco / e clientes catitas e empregadas bonitas / e baixaria para uma média razoável o número de pedintes / (...) e haveria por certo uma clínica ali perto / e remédios para tudo (até para os males sem cura)” (p. 46)

Mesmo que sua poesia apresente um caráter predominantemente universal, os temas tradicionais da literatura cabo-verdiana fazem-se ouvir, mas claro que com a indisfarçável veia irônica de seu sujeito lírico. Em “Viagem, Rima e Fantasia” o mar e a emigração anunciam-se em um diálogo polifônico em que se tenta descobrir a melhor maneira para sair do arquipélago:

Era uma vez
Dois amigos a falar
E começaram pelo mar
A propósito do Suez (...)

- Não é por enjoar

Mas se nos calhar

Uma grande baleia?

- No Suez? Que ideia!

Mas tomara que assim fosse.

Pois tosse,

Mas escuta:

Ora bom dia, dona Baleia!

Olá, companheiros de luta!

Querem ir de boleia?

(Som de piano. Cai o pano) (p. 44-45)

Com esta pequena amostragem da poesia de Arménio Vieira, procuramos ampliar a divulgação de sua obra no Brasil. Sua poesia apresenta-se como atemporal, cabo-verdiana e universal, atenta e indignada aos problemas do cotidiano e das incoerências humanas, inquietante em suas indagações existenciais e experiências estéticas. Irônica, sarcástica e corrosiva, contudo, ainda lírica ao tratar do amor. Intensa criatividade nas releituras das mitologias greco-romanas, nas apropriações dos grandes nomes literários ocidentais. Vieira, com seu olhar arguto, sempre foi coerente e fiel a sua obra, conseguindo extrair de um mundo infestado por decepções e desconforto matéria para tecer uma poesia cuidadosa, sutil e bela. Arménio Vieira, um poeta que jamais se corrompeu aos discursos pueris da ordem estabelecida, fazendo da sua poesia o espaço crítico para desmascarar a hipocrisia das relações humanas e, ainda assim, atingir beleza e encantamento.